



XXV Congresso de Iniciação Científica da Unicamp

18 a 20 Outubro Campinas | Brasil

25
anos

2017



Desenvolvimento e subdesenvolvimento na América Latina: um estudo sobre as limitações históricas e o contexto econômico recente.

Heitor Ponce Dellasta

Resumo

O projeto insere-se em uma ampla agenda de pesquisa sobre a temática do desenvolvimento da América Latina. Procura-se entender a posição e a configuração econômica recente das economias latino-americanas à luz de sua inserção histórica, as tentativas passadas e as discussões presentes sobre um projeto nacional, e o recente cenário de relativo dinamismo econômico latino-americano. Em síntese, a IC divide-se em (i) breve análise bibliográfica do processo de formação econômica da região e seu processo de industrialização à luz da modernidade ocidental; e (ii) análise empírica do dinamismo econômico no período recente e da participação da região no comércio internacional, com foco nas continuidades e rupturas na essência do subdesenvolvimento.

Palavras-chave: Desenvolvimento, subdesenvolvimento, América Latina.

Introdução

O entendimento da região latino-americana como um corpo analítico específico aplicável a condições históricas próprias traz luz a diferentes interpretações acerca da atual situação econômica e social da América Latina.

Resultados e Discussão

(i) Colonialismo

Holanda (1959) classifica o processo colonizador da região latino-americana como ocupacional e exploratório. Para ele, a vinda para esse continente aconteceu em função do interesse pela riqueza do território, de forma que as estruturas dos países latino-americanos formaram-se pela ausência de qualquer esforço de cooperação e, consequentemente de uma identidade nacional. Prado Jr (1942) afirma que o “descobrimento” dos países do continente americano compõe um capítulo da história do comércio europeu e, nesse sentido, o processo de colonização é dado pelo seu sentido mercantil – tanto a dimensão econômica quanto a social emergiram como características da construção de um negócio e não de uma sociedade.

O subdesenvolvimento é marcado, portanto, pela permanência do passado colonial em suas estruturas.

(ii) Estruturalismo

O princípio normativo dos autores estruturalistas centra-se na ideia da necessidade da contribuição do Estado ao ordenamento do desenvolvimento econômico pautado na necessidade de realizar políticas de industrialização como forma de superar o subdesenvolvimento. Trata-se, em resumo, da versão regional da teoria do desenvolvimento. A interpretação estruturalista nasce como crítica à Teoria das Vantagens Comparativas e à Divisão Internacional do Trabalho (DIT). Nesses esquemas, a premissa básica sobre seus benefícios sugere que o fruto do progresso técnico tende a se distribuir de maneira equitativa por toda a coletividade, mediante intercâmbio internacional.

Prebisch (1949), em discordância com isso e inaugurando a escola, afirma que as acentuadas diferenças nos padrões de vida dos países periféricos, quando comparados com os países centrais são suficientes para destruir essa premissa. Para ele, a industrialização tem sua importância, não como fim em si, mas como única forma de ir captando parte do fruto do progresso técnico e elevar o padrão de vida das

massas. Nesse aspecto, o subdesenvolvimento, na visão estruturalista, é explicado por Furtado (1961) como o efeito do impacto da expansão capitalista sobre as estruturas arcaicas. A discussão estruturalista promoveu importantes contribuições, envolvendo um grande conjunto de autores e autoras e a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL).

Conclusões

A complementariedade das interpretações coloniais e cepalinas compreendem a essência do subdesenvolvimento como atrelada tanto ao seu processo de colonialismo quanto à sua própria história econômica. O estruturalismo propunha uma alternativa por meio do desenvolvimento de um centro autônomo que aconteceria pelo processo de substituição de importações. Ou seja, acredita-se no processo de industrialização e na reinserção da região latino-americana na DIT.

Entende-se pelas leituras e pelo contexto recente que as estruturas subdesenvolvidas determinam comportamentos específicos. Apesar de a posição estruturalista conter uma importância considerável no papel de gerar contestações ao desenvolvimento convencional, suas abordagens não conseguiram questionar seriamente os núcleos conceituais da ideia de desenvolvimento, entendido pelo progresso linear em termos de conceito econômico.

Acredita-se, como consequência da pesquisa, na necessidade de buscar novos caminhos e conceitos em direção ao desenvolvimento, sendo a Teoria Marxista da Dependência e a Decolonialidade duas interpretações que buscam alternativas.

Agradecimentos

Agradecimentos ao Bruno Martarello De Conti pela orientação e ao PIBIC/CNPq pelo fomento à pesquisa.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Visão do Paraíso - Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1959. 584p

FURTADO, Celso. Desenvolvimento e subdesenvolvimento (1961). In: BIELSCHOWSKY, R. Cinquenta anos de pensamento na CEPAL – V1. Rio de Janeiro: Record: 2000. 239-262

PRADO JR, Caio. Formação do Brasil Contemporâneo. São Paulo: Companhia das Letras, 1942. 440p

PREBISCH, Raul. O desenvolvimento econômico da América Latina e alguns de seus problemas principais (1949). In: BIELSCHOWSKY, R. Cinquenta anos de pensamento na CEPAL – V1. Rio de Janeiro: Record, 2000. 69-136p